

Universidade Federal do Rio de Janeiro

MUSEU NACIONAL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**JAYME MORAES ARANHA FILHO**

**Inteligência Extraterrestre  
e  
Evolução**

**As especulações sobre a possibilidade de vida  
em outros planetas no meio científico moderno**

Rio de Janeiro

1990

## CAPÍTULO 7

# o canto da baleia

« A vida abandonara o mar. Já não se via, à frente do barco, a ressaca negra dos bandos de delfins, precedendo graciosamente a fuga branca das ondas, sólida e melhor ritmada do que o assalto da espuma à roda da proa. O horizonte já não era cortado pelo esguicho dum cetáceo; um mar intensamente azul já não era, em nenhum momento, povoado pela pequena frota de delicadas velas membranosas, malvas e rosados dos náuticos.

« Estariam eles do outro lado do abismo para nos acolher, todos esses prodígios apercebidos pelos navegadores dos séculos passados? »

LÉVI-STRAUSS (s/d:88)

Encerrando o bloco das saudações, após os delegados da ONU, e antes do bloco dos «Sons da Terra», há uma gravação subaquática dos sons emitidos por uma baleia corcunda. A baleia ocupa um lugar especial entre os personagens da *Voyager*. Ela não foi apenas fotografada e passivamente incluída como um objeto da paisagem terrestre. O seu canto é investido do estatuto de uma mensagem dirigida a **etis**: « [...] uma mensagem dos companheiros habitantes da Terra, que fora incompreensível para nós. Um gesto de respeito há muito devido a esses inteligentes co-habitantes da Terra » (DRUYAN:1984:151). Único não-humano a ter um papel ativo na mensagem, a baleia carrega consigo a questão da definição do **ser**

**inteligente**, e em seu gigantismo majestático encarna todos os outros possíveis candidatos à **inteligência**.

O lugar ambíguo que a gravação das baleias ocupa na organização do disco já indica sua importância. Reflete a oscilação da classificação do seu canto: entre a manifestação de **inteligência** e a mera peculiaridade biológica (de valor exclusivamente estético, tal como a beleza do canto de um pássaro, ou do pôr do sol). Em princípio ela é apresentada como mais uma *saudação* às **etis**, reunida aos “alôs” humanos. Localiza-se ao final do bloco das «Saudações», logo após os pronunciamentos de políticos da ONU, e antes do bloco dos «Sons da Terra». Representa «outra espécie inteligente do planeta Terra a enviar saudações às estrelas» (SAGAN:1984:25). Mas a sua “fala”, saudação em “linguagem tonal”, é também um *canto*. Transmite o mesmo apelo solitário das músicas da *Voyager*: o canto das baleias corcunda, lançado no fundo dos oceanos para ser ouvido a imensas distâncias, é um apelo romântico, um lamento. Cantam o seu isolamento, mas também a tragédia da espécie em extinção.

No outro extremo, o canto das baleias é agrupado como um dos «Sons da Terra». No livro sobre a *Voyager*, não são descritas no capítulo sobre as «Saudações», mas por SAGAN (1984:25), que ironicamente as agrega ao bloco de discursos dos diplomatas da ONU, como uma forma de «desprovincianizar» os pronunciamentos políticos. A obtenção das gravações do biólogo Roger Paine foi executada por DRUYAN (1984:151), a responsável pela confecção do bloco dos «Sons». Era apenas mais um som a ser coletado da sua lista, encontrado em um circuito outro que não o da seleção das músicas ou das saudações, entre um guincho de chimpanzé e um uivo de cão selvagem. EBERHART (1980), no resumo da mensagem do disco que publica na *Science News*, considera o canto das baleias

como o primeiro item da série dos « Sons », logo antes da « Música das Esferas ».

Entre a música, a fala e o mero som, a saudação da baleia não tem uma posição definitiva na fronteira entre natureza e cultura. Justo porque ela tematiza tal fronteira: o lugar que cabe à baleia na classificação dos seres naturais coloca a identidade do **ser inteligente** em questão.

**seres  
vivos  
inteligentes**

A especulação científica sobre **seres inteligentes extraterrestres** é uma forma moderna de formular a distinção entre natureza e cultura, de determinar/imaginar a fronteira entre o humano e o não humano. O **ser eti** imaginado desafia a identidade humana com um paradoxo: é ao mesmo tempo não humano (no sentido biológico), não artificial (como uma “máquina inteligente”, robô ou computador de ficção científica<sup>1</sup>), um ser natural e que no entanto também participa da esfera cultural como sujeito. É desta pergunta sobre a identidade humana que se trata quando se imagina outro **ser vivo inteligente**.

Embora de origem e biologia inteiramente distintos, a **eti** participa de todos os atributos que definem a especificidade humana, que marcam a diferença significativa entre o homem e os demais animais. Dotado de linguagem (*loquax*, falante), de tecnologia (*faber, habilis*), de sociedade (*socialis*, político), consciência, razão, de **inteligência** (*sapiens*). Biologicamente um dessemelhante, intelectual e eticamente um equivalente. Na imagem de um tal ser, ao mesmo tempo estranho à

---

1. Embora, sob muitos aspectos, especialmente na ficção científica, a figura do **extraterrestre** aproxima-se do autômato **inteligente**. Ver, sobre isso, RENARD (1984). O filme *Star Trek I* (1979) faz uma fictícia *Voyager 6* retornar à Terra, transformada em “máquina inteligente” por uma civilização alienígena.

espécie humana, mas participando do comum valor humanidade, projeta-se a problemática da fronteira da noção de humano, do limite entre cultura e natureza.

Este exercício de questionamento de identidade aparece de forma mais contundente quando se discute o estatuto de outras espécies animais terrestres. Delimitam-se as qualidades características do humano a fim de contrastá-las ao comportamento animal. Trata-se de saber se é possível chamar **inteligente** a um outro ser vivo conhecido que não o humano. Pelo menos a respeito de três espécies animais os autores da mensagem reivindicam **inteligência**. « Baleias e golfinhos são, juntamente com os grandes macacos e os seres humanos, os animais mais inteligentes do planeta » (LOMBERG, 1984:101).

Antes de tudo os chimpanzés, cuja presença na mensagem da *Voyager* (foto 60, som 7) evoca toda a memória da chaga darwiniana do parentesco com o macaco, da ascendência primata da espécie humana. O macaco é a imagem do outro por regressão.

Na sua retrospectiva da «evolução da inteligência humana», SAGAN (1983a)<sup>2</sup> descreve as pesquisas de comportamento de chimpanzés, particularmente quanto à capacidade de aprenderem, estimulados por um treinamento dedicado, a utilizar-se de uma linguagem rudimentar. Cita os trabalhos dos GARDNER (1969) que, atribuindo as dificuldades em fazer chimpanzés “falarem” à mera deficiência do seu órgão fonador, trabalharam com linguagens gestuais. Linguagens de sinais, de surdos e mudos, aproveitariam as « forças ao invés das fraquezas da anatomia dos chimpanzés » (SAGAN:1983a:81). Obtiveram animais que utilizavam vocabulários

---

2. Cap.5: « As abstrações das feras ».

de mais de 100 palavras para comunicar-se com seus treinadores, chegando a adquirir alguns conceitos abstratos.

Apesar das limitações quantitativas, Sagan não encontra grandes diferenças qualitativas entre a linguagem artificialmente induzida nestes símios e a linguagem humana. Esta comunidade de natureza entre chimpanzé e homem, ambos capazes de linguagem, primos falantes, aproxima os primeiros da definição de identidade humana e os engloba no universo dos valores reservados aos humanos:

« Se os chimpanzés têm consciência, se têm capacidade de abstração, não devem eles ter acesso àquilo que se convencionou chamar até agora de "direitos humanos"? [...] Na minha opinião, as capacidades cognitivas dos chimpanzés nos forçam a levantar indagações quanto aos limites da comunidade dos seres aos quais cabem as considerações éticas especiais, e podem, espero, ajudar a ampliar nossas perspectivas éticas para outras espécies da Terra e para organismos extraterrestres, se é que existem » (SAGAN:1983a:89-90).

Já os golfinhos, mereceram uma foto (54) no disco da *Voyager* exatamente por serem considerados **inteligentes**. Nos anos 60, a questão da inteligência dos golfinhos tornou-se moda nos Estados Unidos, mobilizando tanto os meios acadêmicos quanto o grande público. Época do *boom* de shows aquáticos em que golfinhos e orcas substituíam as tradicionais focas circenses; quando os jornais criticavam propaladas experiências da marinha com o uso de golfinhos treinados para ações de guerra. Época do seriado de TV « Flipper », que fez do

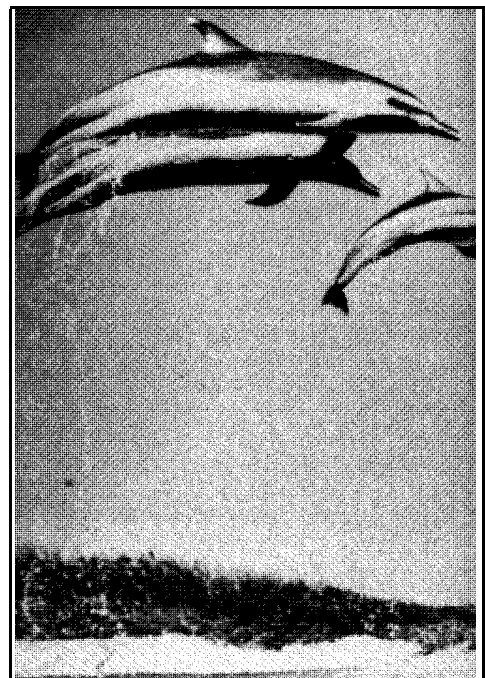


Foto 54: Golfinhos

golfinho o que «Lassie» havia feito do cão doméstico. Um dos principais responsáveis pelo furor em torno ao assunto era o biólogo John Lilly, cujos trabalhos sobre o comportamento dos golfinhos e tentativas de estabelecer com eles comunicação (LILLY:1961; 1969) alcançaram grande divulgação<sup>3</sup>.

É justo nesta época (1961) que se realiza, em Green Bank, a primeira conferência sobre SETI, e Lilly é um dos onze participantes. Seus progressos no estudo dos golfinhos entusiasmou os demais, pois viam aí um caso análogo ao da comunicação com **etis**:

« There was a feeling that this effort to communicate with dolphins — the dolphin is probably another intelligent species on our own planet — was in some sense comparable to the task that will face us in communicating with an intelligent species on another planet, should interstellar radio communication be established » (SAGAN:1973:167).

As experiências sobre comunicação com outra espécie **terrestre** equivalem a uma antecipação simulada do contato com um **extraterrestre**. O apelo da analogia levou os participantes da conferência a intitular-se membros da « Ordem dos Golfinhos » (DRAKE:1984:47; SAGAN:1973:168).

Uma década depois, SAGAN (1973) queixa-se dos resultados a que chegaram os estudos iniciados por Lilly<sup>4</sup>. Apesar de terem produzido « an important atlas on the dolphin brain » (p.169), nunca chegaram a comprovar científica e

---

3. Fundou o Communication Research Institute, em Coral Gables na Flórida. O antropólogo Gregory Bateson, após estudar o comportamento de polvos, chegou a trabalhar com Lilly em 1962, na estação de pesquisa das Ilhas Virgens, ligada ao instituto, pesquisando justamente interação entre golfinhos (Cf WINKIN:1981:44; BATESON:1972).

4. Sagan conta como costumava ir nas férias às instalações de Lilly, e ficar nadando nos tanques, “conversando” com golfinhos, « some of my best friend s» (SAGAN:1973: cap.24).

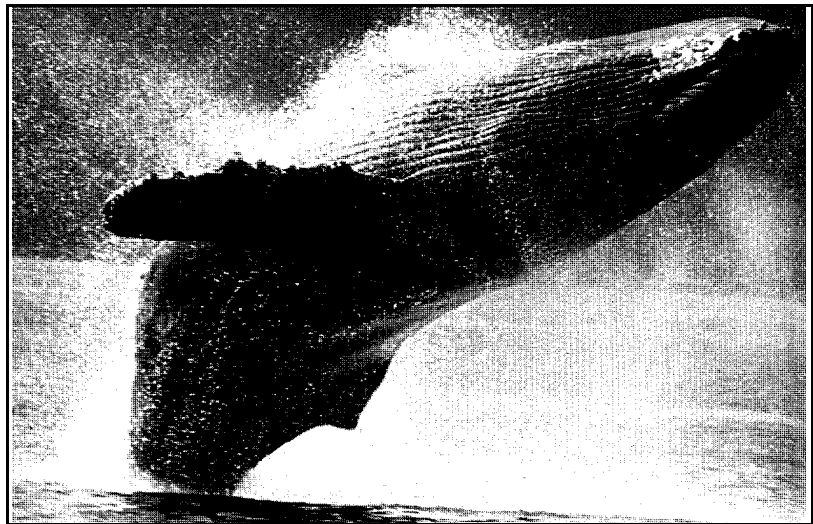
definitivamente o uso de linguagem articulada entre os golfinhos. Sagan, queixoso, sugere um modelo de experimento simples, que Lilly nunca chegou a realizar, capaz de determinar a que nível os golfinhos individuais comunicam-se entre si (p. 175).

### **baleia corcunda**

O que os golfinhos foram para a década de 60, as baleias foram para a de 70 (e 80). Além da promessa de **inteligência** e comunicação dos seus parentes menores, as baleias vieram à tona da cena pública com a ascensão dos movimentos ecológicos nos Estados Unidos e Europa. É o momento em que todo jovem ou artista tem uma *t-shirt* com o *slogan* « Save the Whales! », ou um *botton* « Let them live! ».

Um personagem central nesta cena é o zoólogo Roger Payne, da Universidade Rockefeller. Ele dedicou-se a estudar os sons emitidos pelas baleias

corcunda, desenvolvendo técnicas para coletá-los com microfones submersos e colecionando um imenso arquivo com as gravações anuais de bandos do cetáceo. Foi a Payne que a equipe



Salto da baleia corcunda (reproduzido de SAGAN:1983b:268)

do disco da *Voyager* recorreu para obter a gravação de uma baleia. « Payne acredita que estas canções representam uma comunicação verdadeira entre as baleias quando elas se encontram a distâncias tão grandes que uma não pode ver ou sentir o cheiro



da outra, e que um determinado tipo de canção serve como cumprimento entre as jubartes » (SAGAN:1984:25). Tal como com os golfinhos, é a analogia entre a situação das baleias e a do contato com uma *eti* que faz delas um personagem especial na mensagem da *Voyager*.

O sentido mais desenvolvido entre os cetáceos é o da audição. Mais do que pela visão ou o olfato, é pelas vibrações da água que mapeiam o ambiente. Muitos dos sons emitidos desempenham claramente funções de percepção, compondo um refinado sistema de sonar. Mas existem outros padrões sonoros mais complexos, que não podem ser assim explicados: parecem desempenhar funções sociais no grupo. « Alguns sons das baleias são chamados canções, mas ignoramos ainda a sua verdadeira natureza e significado » (SAGAN:1983b:271). O característico das « canções » é a sua repetição: compõem-se de uma longa e complexa seqüência de tons, que dura uns quinze minutos (até uma hora), ao fim da qual recomeça do princípio, « cada freqüência é repetida, identicamente, compasso por compasso, cadência por cadência, nota por nota » (idem). Além de poder ser repetida pelo indivíduo, ela costuma ser entoada em conjunto pelo grupo. « Geralmente os membros do grupo cantam as mesmas canções juntos » (idem).

O persistente trabalho de coleta de Payne, que acompanhou bandos gregários fazendo gravações periódicas dos seus sons, evidenciou que as canções de uso coletivo mantêm-se relativamente estáveis, mas aos poucos, mês a mês, elas vão se alterando, alguns movimentos acrescentados, outros suprimidos (PAYNE & MACVAY:1971). Ao longo dos anos, nunca se volta a cantar exatamente as mesmas melodias. Payne atesta: « As músicas gravadas em 1964 e 1969 são tão diferentes quanto Beethoven [é] dos Beatles » (cit. em SAGAN:1983b:271).

Devido à grande variação tonal nas canções, Sagan se pergunta se elas não seriam portadoras de informação, « or, put another way, that whale language is tonal » (SAGAN:1973:178). Chega a calcular o número de *bits* de uma canção típica, e obtém o equivalente ao conteúdo de uma *Ilíada* ou *Odisséia*: « Are whales and dolphins like human Homers before the invention of writing, telling of great deeds done in years gone by in the depth and far reaches of the sea? » (idem). Destituídas de escrita e tecnologia, mas dotadas de linguagem — e de música.

Mas o principal da analogia entre as baleias e as *etis* só começa quando se especula sobre o alcance dos sons emitidos por baleias: apesar de desprovidas de satélite ou qualquer outra tecnologia, elas teriam chegado a estabelecer um verdadeiro *sistema de comunicações em escala global*, que permitiria qualquer membro contactar outro, sintonizando todos os espécimes do planeta num único canal:

« O biólogo americano Roger Payne calculou que duas baleias conseguem se comunicar utilizando o túnel de som do oceano profundo, a vinte hertz, essencialmente em qualquer parte do mundo. Uma pode estar na Grande Barreira de Ross, na América, e se comunicar com outra nas Aleutas. Na maior parte da sua história, as baleias devem ter estabelecido uma rede de comunicações globais. Talvez quando separadas por 15.000 quilômetros, suas vocalizações sejam canções de amor lançadas com esperança na vastidão profunda ». (SAGAN:1983b:272)

Num oceano ainda não explorado por humanos, a "cultura cetácea" vive o seu esplendor, sua época de ouro. Mas a aldeia global não-tecnológica das baleias, utopia naturalista, depende antes de tudo do silêncio marinho. É este silêncio de fundo que será primeiro abolido pelos vapores da revolução industrial e da expansão do capitalismo ocidental por redes comerciais trans-oceânicas.

« Por dezenas de milhões de anos, estas criaturas enormes, comunicativas e inteligentes evoluíram essencialmente sem inimigos naturais. Então, o desenvolvimento do navio a vapor, no século XIX, introduziu uma fonte ominosa de poluição sonora. [...] Bloqueamos as baleias. Criaturas que por dezenas de milhões de anos se comunicaram entre si foram agora efetivamente silenciadas » (SAGAN:1983b:272).

Como se cada baleia isoladamente representasse uma civilização **eti**, tentando estabelecer contato por rádio com outros possíveis seres semelhantes, Sagan traça paralelos entre a situação de isolamento comunicativo das baleias imposto pelo ruído da civilização, e as dificuldades crescentes de programas **SETI** devido ao congestionamento de emissões de rádio locais, que ocupam e interferem na faixa eleita (a da «frequência mágica» do hidrogênio neutro):

« Estamos congestionando o canal interestelar. O crescimento descontrolado da tecnologia terrestre de rádio pode evitar uma pronta comunicação com seres inteligentes em mundos distantes. Suas canções podem permanecer sem resposta porque não conseguimos controlar nossa poluição na frequência de rádio e nem ouvi-las » (SAGAN:1983b:272).

O retrato da situação da baleia se completa com a ameaça sombria da extinção das espécies. Pior que sofrer a poluição ambiental por resíduo ou efeito secundário da industrialização humana, a baleia é alvo direto e matéria prima da indústria humana, objeto de franca exploração econômica.

Embora a sua pesca seja recente, há registros remotos de baleias mortas encalhadas em praias sendo carneadas por pescadores. As técnicas de caça à baleia desenvolveram-se após o estabelecimento das rotas comerciais marítimas,

quando se descobriu os locais onde podiam ser encontradas sazonalmente<sup>5</sup>. O primeiro grande ciclo de pesca à baleia dá-se na Nova Inglaterra em meados do século XIX, quando o óleo (usado para iluminação e lubrificação) e o espermacete (para perfumes e sabonetes) tinham grande valor industrial, e cujo esplendor encontrou no romance de MELVILLE (1982) expressão épica. Ainda hoje é pescada pela sua carne, seus ossos, e seu óleo ainda fabrica cosméticos e sabonetes. O ritmo de crescimento da indústria baleeira na década de 60 levou várias espécies (azul, cinza, cachalote, da Groenlândia) à iminência da extinção<sup>6</sup>.

Ao contrário dos chimpanzés e golfinhos, as baleias são consideradas comestíveis, fazendo parte da dieta de povos da tradição ocidental. Pelo menos até algum tempo atrás, não eram classificadas como animal tabu, cuja matança ou ingestão ferisse algum preceito. Sua carne não causava repulsa, seu sacrifício nunca representou crime.

Como LEACH (1983) observou em sua investigação sobre o uso lingüístico de nomes de animais como insulto, certas categorias animais são investidas de valor

---

5. Uma das epígrafes de MELVILLE (1982:34) é do «Dicionário Comercial» de um certo McCulloch: «A viagem dos holandeses e dos ingleses ao Oceano Ártico, na intenção de, se possível, descobrirem uma passagem para a Índia, lhes revelou (embora eles não atingissem o objetivo visado) as paragens onde habita a baleia».

6. Só em 1964, mais de trinta mil baleias foram mortas. Estima-se que a população mundial de baleias já foi de 100.000 espécimes, mas no fim dos anos 70 já era menor que 5.000. A nível internacional, a pesca da baleia é regulamentada por uma entidade formada por 37 países que se reúne anualmente, a Comissão Baleeira Internacional. Ao longo da década de 70, várias tentativas foram feitas de restringir a pesca da baleia, mas somente para 1986 a Comissão conseguiu aprovar um acordo de sua proibição total, com duração de 5 anos, a título de garantir às espécies a reposição das populações. Países como Japão, Noruega, Islândia, com poderosas indústrias baleeiras, nunca chegaram a cumprir totalmente o acordo. Recentemente (Cf *Jornal do Brasil*, 03.07.90), os principais interessados na pesca voltaram a pressionar a Comissão pela liberação antecipada, alegando que as espécies já refizeram suas populações e não correm mais risco de extinção.

ritual. « Para um antropólogo, o insulto animal é parte do amplo campo de estudo que inclui o sacrifício de animais e o totemismo. [...] Numa situação cultural particular, alguns animais são foco de atitudes rituais, ao passo que outros não. [...] Não é totalmente claro por que deva ser assim, mas um fato que é comumente relevante e sempre precisa ser levado em consideração é a comestibilidade da espécie em questão » (p.174). As diferenças de valor atribuídas a animais são efeitos da aplicação de uma grade classificatória sobre o mundo sensível, que permite a uma cultura separar categorias discretas a partir de um todo inicial indistinto. Para Leach — inspirado em Radcliffe-Brown, Mary Douglas e Lévi-Strauss — as categorias mais sujeitas a tabus são as que ocupam posições ambíguas quanto a distinções culturais fundamentais entre sagrado/profano, eu/isto, nós/eles, perto/longe.

O surpreendente com as baleias é que assistimos atualmente à mudança do seu *status* classificatório na cultura ocidental: há uma tensão entre dois códigos morais, o da economia do pescador, que diz que toda baleia é boa para consumo como qualquer outro “peixe”, e o recente imperativo preservacionista, que inclui as baleias entre os seres que merecem direitos análogos aos humanos. Mesmo no interior das iniciativas pela restrição da pesca à baleia misturam-se duas perspectivas de fundamento inteiramente diferentes. Por um lado, a perspectiva ecológica *strictu sensu*, que reivindica a racionalização do uso de recursos naturais, disciplinando sua exploração afim de não esgotá-los. O acordo obtido pela Comissão Baleeira Internacional é expressão desta perspectiva. Apesar de argumentar pela suspensão temporária da pesca, não condena a pesca em si, não rompe com a ética do baleeiro — apenas procura restringir seus excessos economicamente irracionais. Por outro lado, há os que reivindicam a proibição absoluta e definitiva da pesca da baleia, não simplesmente para preservá-la de extinção, mas por motivos morais. A sua matança teria conotação semelhante à indignação e horror despertada nos colonizadores

ocidentais pela antropofagia entre tribos indígenas americanas ou africanas, aquela “aberração” inaceitável de “selvagens” sub-humanos.

É neste último grupo de opinião, o de movimentos como a «Associação dos Amigos da Baleia» ou o « Humpback Whale Fund », que se encontram Payne e Sagan. « There is a *monstruous and barbaric* traffic in the carcasses and vital fluids of whales. [...] But why, until recently, has there been so little outcry against this *slaughter*, so little *compassion* for the whale? » (SAGAN:1973:178, gm). Sagan chega a comparar o tratamento dado às baleias pela indústria aos procedimento de guerra e aos horrores nazistas (idem).

O deslocamento do estatuto cultural da baleia, de caça comestível para “espécie amiga” e tabu, vêm numa progressão desde pelo menos os anos 60. Países como os EUA recentemente extinguiram sua indústria baleeira, aprovando leis que proíbem definitivamente a pesca em seu território. De atividade econômica legítima, tornou-se crime. « Muitas nações compreendem que a matança sistemática destas criaturas inteligentes é monstruosa, mas o tráfico continua, estimulado principalmente pelo Japão, Noruega e União Soviética » (SAGAN:1983b:272-3). Observe-se que são justo algumas das potências "menos ocidentais" as que mais resistem à mudança do estatuto classificatório das baleias<sup>7</sup>. A guerra fria sublimada reencontra outros cenários e máscaras para atuar.

---

7. Aparentemente para alguns japoneses, sequer os golfinhos estão excluídos da dieta. Uma notícia no jornal *Estado de São Paulo* (07/11/90), por exemplo, informa da matança de uns seiscentos golfinhos por pescadores japoneses « para serem usados como alimento ». Os pescadores ainda justificam a sua caça por o golfinho concorrer com sua atividade econômica, comendo muitos dos já escassos peixes.

Um documentário da *National Geographic* de 1977 (*The Great Whales*)<sup>8</sup>, apresenta um confronto dramático, em pleno oceano Pacífico, entre membros do movimento ecológico canadense *GreenPeace* e frotas baleeiras soviéticas, nos invernos de 75 e 76: os preservacionistas corriam a colocar suas lanchas entre o navio e o grupo de baleias avistado, no intuito de impedir o disparo do arpão. Num contraponto às hordas de botes baleeiros do século passado, ao invés de irem ao encalço da baleia para lançar manualmente o arpão, capturá-la e trazê-la ao navio, aproximavam-se dela para oferecer-lhe a proteção moral de suas vidas humanas, para interpor-se entre ela e o navio, bloqueando-lhe o alvo, para emprestar a imunidade de suas auras humanas como um escudo simbólico a impedir o massacre.

O documentário contrasta exemplarmente com o romance de Melville, e deve ser assistido junto com a versão hollywoodiana de John Huston da baleia branca, de vinte anos antes (1956). Em nenhuma passagem de *Moby Dick* encontra-se o tema da compaixão pela baleia, da sua vulnerabilidade ou da desigualdade do seu embate com os humanos. Ao contrário, é a baleia que é a mais poderosa, monstruosa, indomável<sup>9</sup>. Diante do «leviatã», como Melville gosta de denominá-la, é o homem que é frágil e desprotegido, constituindo enorme proeza desafiar-la em seu próprio reino — o deserto marítimo. A pesca da baleia é uma atividade heróica<sup>10</sup>, inúmeros códigos de honra regulam a vida dos marinheiros que

---

8. Boa parte do documentário é dedicado às baleias corcundas e seu canto, a respeito das quais entrevistam Roger Payne.

9. « Dada a sua situação, pois, consideraria eu essa enorme giba como o órgão representativo da firmeza e indomabilidade do cachalote; e em breve tereis ocasião de verificar que o grande monstro é na verdade indomável » (MELVILLE:1982:372).

10. « [...] e em todas as estações do ano e em todos os oceanos declararam uma guerra sem tréguas à massa animada mais poderosa que sobreviveu ao Dilúvio, a mais monstruosa, a mais montanhosa, esse mastodonte do mar, grande como o Himalaia, dotado de tão prodigiosa força inconsciente que mesmo os seus pânicos devem ser mais temíveis do que os seus ataques mais ousados e maliciosos » (MELVILLE:1982:98).

passam mais de ano numa única excursão de pesca, retornando ao porto somente com os porões repletos de espermacete. Nenhuma injustiça na matança, apenas bravura e fartura. Moby Dick, o titânico cachalote branco, encarna como nenhuma outra esta potência inesgotável da natureza<sup>11</sup>. Se há algum abuso de violência a humilhar os seres mortais, ele provém da baleia branca. Mesmo a *hybris* de Ahab, não representa a potência de um desafiante capaz de ameaçar a majestade oceânica. Obcecado pela baleia indestrutível que o aleijou, ferido mortalmente em sua honra, o capitão do Pequod não admite curvar-se à força “elemental” da baleia, recolher-se ao seu lugar de mero humano<sup>12</sup>. Desonra-se duplamente em sua vertigem, desafiando cegamente forças sobrenaturais<sup>13</sup> e conjurando seus homens a segui-lo em sua danação demoníaca. O único sobrevivente, salva-se agarrado ao ataúde de um canibal pagão.

Outro é o cenário do documentário da *National Geographic*, e apenas

- 
11. « Uma das mais estranhas sugestões que acabou por associar-se definitivamente com a baleia branca, nos espíritos inclinados à superstição, era a idéia sobrenatural de que Moby Dick tinha o dom da ubiqüidade, e que fora realmente encontrado em latitudes opostas, simultaneamente. [...] que alguns baleeiros se extremassem nas suas superstições e declarassem que Moby Dick era não somente ubíquo como também imortal (porque a imortalidade não é mais do que a ubiqüidade no tempo) [...] » (MELVILLE:1982:211-2).
12. « ¿Y de qué es culpable el capitán Achab, de Melville? De haber elegido a Moby-Dick, de haber elegido la ballena blanca en lugar de obedecer a la ley de grupo de los pescadores que dice que cualquier ballena es buena para ser cazada. Ese es el elemento demónico de Achab, su traición, su relación con Laviatán, esa elección de objeto que lo compromete en un devenir-ballena » (DELEUZE & PARNET:1980:51).
13. « — Vingar-se de um pobre bruto! — gritou Starbuck — Deixar-se dominar pelo mais cego instinto! Loucura! Enfurecer-se com um animal, Capitão Ahab, parece-me blasfêmia.  
« — [...] Às vezes penso que apenas ele existe. Porém é bastante: atarefa-me, avassala-me. Vejo a sua força atroz unida com a imperscrutável malícia que o reforça. Essa coisa imperscrutável é o que odeio principalmente e quer seja o cachalote branco o agente, quer atue por sua própria conta, o certo é que descarrego sobre ele o meu ódio. Não me fale de blasfêmia, homem. Eu desafiaria até o sol, se ele me insultasse. Porque se o sol pudesse fazer isso, eu podia cumprir o que disse, desde que há em tudo isso uma espécie de justiça, a inveja presidindo a toda criação. » (MELVILLE:1982:193).



superficialmente seus personagens parecem os mesmos. Pois na verdade, homens e baleias são constituídos de forma inteiramente diferente num e noutro relato. Ao invés de força indomável da natureza, violenta e inesgotável, as baleias agora aparecem mansas, frágeis e ameaçadas. Ao invés da fúria bestial do «leviatã», elas são dotadas de razão e sensatez, mais até que alguns homens, seus carrascos — o líder do *Green Peace* conta como, quando uma baleia foi atingida, o macho do bando passou por ele, olhou, e compreendeu que não era ele o seu inimigo; dirigiu-se ao baleeiro, e findou também arpoado. Por outro lado, a *hybris* dos pescadores não tem origem em ofensa, obsessão e vingança, não é o desafio desesperado de um ser tão pequeno e impotente quanto orgulhoso. A desmedida dos baleeiros sequer atinge os operários do navio-usina (eles acenam para o *Green Peace* durante a “trégua”): a culpa é dos “tubarões” da indústria baleeira, da irracionalidade econômica. E se Ahab extingue-se, e leva consigo os seus, deixando a baleia branca impune, apenas com mais alguns arpões indiferentes encravados, o perigo atual é da extinção primeiro das baleias. Já os defensores das baleias são uma espécie de anti-Ahab: em lugar do « devir baleia » (DELEUZE) do transtornado capitão do Pequod, que termina fundindo-se ao animal e ainda assim continua convocando tripulação e navio ao naufrágio, trata-se de investir as baleias de um devir humano.

A pesca da baleia e a luta pelo seu fim derivam da ambigüidade da posição atribuída às baleias na classificação das categorias animais, e ao seu progressivo deslocamento nesta hierarquia. Com uma mescla de argumentos científicos e humanitários, mais que religiosos ou calcados na tradição, os adversários da pesca à baleia colocam explicitamente em discussão as regras de classificação das categorias de seres vivos, e, em especial, os critérios de distinção entre o animal e o humano.

**bestiário  
eti**

A ficção científica acostumou-nos ao exercício de imaginar formas para seres alienígenas. Em descrições verbais detalhadas de exóticas anatomias **ets**, nos desenhos de quadrinhos ou capas de livros, e depois no cinema e séries de TV, ela ensaiou várias soluções possíveis para a questão da aparência de uma espécie viva **extraterrestre**. Embora virtualmente não haja limite para os tipos de seres imaginados, os padrões e clichês consolidados pela ficção científica formam um bestiário **extraterrestre** em que a recorrência dos traços indica os constrangimentos determinantes da própria noção de **eti**.

Num espírito muito próximo ao dos cenários da ficção científica, mas com o rigor de um modelo de simulação científica, SAGAN e SALPETER (1976), ambos da Universidade Cornell, calcularam um ecossistema para um planeta gasoso e denso como Júpiter. Baseados em uma analogia com a vida marinha terrestre (p.747), imaginaram três espécies básicas: « Ecological niches for sinkers, floaters, and hunters appear to exist in the Jovian atmosphere » (p.737)<sup>14</sup>. A sua intenção era demonstrar que não se podia descartar de saída a presença de formas de vida desconhecidas em ambientes planetários exóticos.

Não obstante agrade ao seu público e corresponda às suas expectativas, as soluções da ficção científica costumam não satisfazer às exigências de cientistas que se detêm na questão da existência de **eti**. Queixam-se principalmente da excessiva semelhança do alienígena com o terrestre, da incapacidade de imaginar algo inteiramente estranho, da pobreza de imaginação. Para o Nobel de medicina François Jacob, por exemplo, o bestiário **eti** é construído basicamente pelo *bricolage*

---

14. SAGAN (1983b:42-3) fornece ilustrações dessas espécies fantásticas nas paisagens jupiterianas.

das imagens disponíveis no bestiário nativo da biologia **terrestre**, e tende quer ao monstro híbrido, quer ao antropomorfismo.

« When looking at present-day science fiction books, one is struck by the same phenomenon: the abominable animals that hunt the poor astronaut lost on a distant planet are products of recombinations between the organisms living on the earth. The creatures coming from outer space to explore the earth are depicted in the likeness of man. You can watch them emerging from their unidentified flying objects (UFO's); they are vertebrates, mammals without any doubt, walking erect. The only variations concern body size and the number of eyes. Generally these creatures have larger skulls than humans, to suggest bigger brains, and sometimes one or two radioantennae on the head, to suggest very sophisticated sense organs. The surprising point here again is what is considered possible. It is the idea, more than a hundred years after Darwin, that, if life occurs anywhere, it is bound to produce animals not too different from the terrestrial ones; and above all to evolve something like man ». (JACOB:1977:1161)

O problema é que, para o imaginário cientificista moderno, a vida **extraterrestre** ocupa, em relação à espécie humana, uma posição inversa à das demais espécies vivas terrestres.

O que irmana a espécie humana a todas as outras do planeta é a bioquímica e a história. Bioquímica pela constatação de que a maquinaria celular operante nas mais diversas espécies é no fundamental a mesma. Tal coincidência, junto com os registros fósseis, é a principal evidência empírica a reforçar a hipótese monofilética — de que todas as formas vivas terrestres são descendentes de uma mesma célula primordial<sup>15</sup>. Se a história evolutiva é a da separação dos seres, da bifurcação e diferenciação das espécies, ela paradoxalmente os une num análogo de rede de parentesco, ao reconstituir a origem comum, ao postular a filiação distante mas certa entre todos os viventes.

---

15. « A explicação comum desta unidade molecular é que somos todos — árvores e pessoas, o peixe diabo-marinho, o limo vegetal e os paramécios — descendentes de um único e comum instante da origem da vida no início da história em nosso planeta » (SAGAN:1983b:38).

O que separa a espécie humana das demais é a eclosão recente de uma novidade evolutiva radical numa única linhagem de primatas: o poder adaptativo da **inteligência**, fruto de um salto qualitativo na evolução de um órgão chave, o cérebro<sup>16</sup>. Por não ter sido herdada, por ser como que uma “mutação” *sui-generis*, a **inteligência** é em princípio exclusiva dos humanos. Ela é mesmo a sua distinção chave face aos outros animais. Qualquer pesquisa de comportamento animal, especialmente sobre formas de comunicação entre membros de espécies gregárias ou “sociais”, confronta-se com os limites da definição da noção de **inteligência**, e é, em última instância, um exercício de melhor demarcação da identidade humana.

Em resumo, a espécie humana e as demais viventes **terrestres** são ao mesmo tempo muito próximas, e radicalmente distintas. Por um lado, o parentesco biológico obriga-as a compartilhar inúmeras características comuns; por outro, uma diferença, digamos, de estatuto intelectual (ser ou não **inteligente**) torna-as duas classes de seres absolutamente estranhas entre si.

Já o **ser inteligente extraterrestre** é imaginado em relação aos humanos como a imagem inversa dos animais **terrestres**. É a comunidade da **inteligência** que nos confraternizaria, o comum uso das invenções da tecnologia e da linguagem. Seríamos no entanto inteiramente estranhos ao nível biológico.

« Afirmamos que os primeiros processos químicos que conduzem à origem da vida podem ser similares em muitos mundos diversos, embora isto se encontre muito longe de estar provado. Mas é claro que a subsequente evolução por seleção natural levaria a uma imensa variedade de organismos; comparados com eles, todos os

---

16. Ver a esse respeito o interessante estudo de SAGAN (1983a) sobre « a natureza e a evolução da inteligência humana », que é também um ensaio sobre evolução e fisiologia cerebral.

organismos da Terra, desde os bolores aos homens, são parentes muito próximos. »  
(SAGAN & SHKLOVSKI:1966:420)

Ao contrário das “ingenuidades” digestivas da ficção científica, a única certeza que se pode ter a respeito da biologia **eti** é que ela é diferente — uma certeza negativa, de que não pode ser como nada de já conhecido<sup>17</sup>.

«Não posso lhes dizer como se parece um ser extraterreno. Sou terrivelmente limitado pelo fato de conhecer somente um tipo de vida, a da Terra. Algumas pessoas, artistas, escritores de ficção científica, por exemplo, têm especulado como serão estes seres. Sou cético quanto à maioria destas visões extraterrestres. Parecem-me apoiar-se bastante em formas de vida já conhecidas. [...] Não acredito que a vida em qualquer outro local se pareça com um réptil, inseto ou ser humano, e muito menos com adaptações cosméticas como pele verde, olhos pontudos e antenas.» (SAGAN:1983b:40)

As considerações sobre o caráter histórico da evolução biológica findam roubando ao imaginário **extraterrestre** as figuras com que vestir nossos estranhos equivalentes. O corpo **eti** permanece sem figura, ou melhor, capaz de qualquer figura. No entanto, se nada pode ser previsto ao certo, ao menos duas considerações são pertinentes quanto às formas vivas **inteligentes**. Em primeiro lugar, seja qual for a morfologia corpórea **eti**, ela deverá possuir um dispositivo análogo ao órgão cerebral:

«Eu certamente não espero que seus cérebros sejam anatomicamente ou talvez mesmo quimicamente semelhantes aos nossos. Seus cérebros terão tido diferentes histórias evolutivas em ambientes diferentes. Só temos de olhar para os animais terrestres com sistemas orgânicos substancialmente diferentes para ver quanta variação na fisiologia cerebral é possível. » (SAGAN:1983a:176).

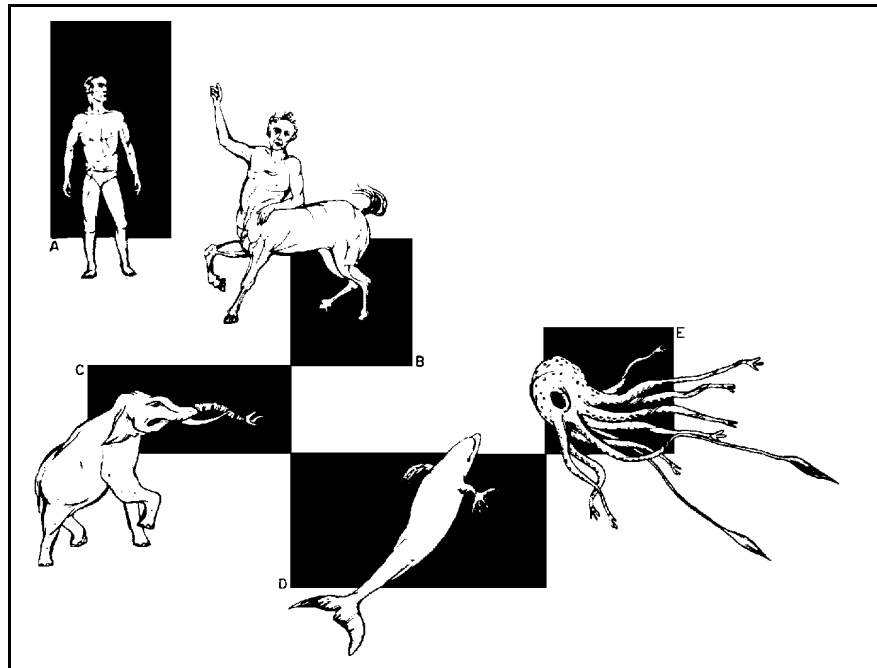
---

17. Alguns autores não concordam com estas conclusões, e crêem que uma espécie **inteligente extraterrestre** seria necessariamente, ao menos em sua anatomia geral, parecida com um humano. É a posição defendida por BIERI (1964), em artigo dirigido contra os argumentos de SIMPSON (1964). O astrônomo brasileiro MOURÃO (1980:100ss), ele próprio um adepto da necessidade do antropomorfismo **eti**, cita o professor de antropologia de Harvard, Willian Howells, que se dedicou à questão e concluiu que «a forma humana é inevitável» (sic).

Apesar de aceitar a provável divergência anatômica e bioquímica, Sagan não coloca em dúvida a necessidade de um cérebro **eti. Inteligência** e sistema nervoso central desenvolvido são aqui duas faces inseparáveis do mesmo fenômeno. Uma vez aceita a noção de um **ser inteligente extraterrestre**, ele deverá, por definição, possuir cérebro.

A segunda consideração refere-se à capacidade tecnológica da espécie **inteligente**. Assim como a exigência de **inteligência** determina a presença do órgão

c e r e b r a l , a tecnologia também possui o seu correspondente anatômico: o «a p ê n d i c e manipulativo», órgão capaz de apropriar-se de objetos do meio ambiente como mediador da ação, transformando-os



Possíveis morfologias etis, segundo MACGOWAN & ORDWAY:1972:329.

em ferramentas e próteses corporais. Os seres **inteligentes** poderiam ser então classificados segundo o número de membros e “mãos” que possuem. MACGOWAN e ORDWAY (1972:317ss), por exemplo, a partir da exigência de membros manipulativos, utilizam-se de analogias com formas animais terrestres e mesmo híbridos fantásticos como aproximações das formas **extraterrestres** possíveis (ver figura). Apresentam «cinco possíveis estruturas morfológicas de vida animal

inteligente extra-solar: a) semelhante à do homem; b) semelhante ao centauro; c) semelhante ao elefante; d) semelhante ao golfinho; e) semelhante ao polvo» (p.329). O centauro representa a união de dois “êxitos” evolutivos: a “solução” quadrúpede para a locomoção (considerada mais eficiente que a bípede), associada aos dois membros livres para manipulação. O elefante é o centauro com apenas um membro manipulador — uma tromba. O pseudo-golfinho possui dígitos nas barbatanas laterais, representando um híbrido do mamífero aquático com mãos enxertadas. Finalmente o polvo representa a figura mais curiosa: um corpo reduzido à cabeça (receptáculo do cérebro) e tentáculos manipulativos (executores da tecnologia)<sup>18</sup>.

### **outros terrestres inteligentes**

O contraste entre a figura do chimpanzé e a dos cetáceos ilustra dois extremos da busca por imagens para outras espécies **inteligentes**. O chimpanzé é apresentado como um humano rudimentar, possuindo todas as qualidades humanas, porém drasticamente diminuídas em intensidade. Um cérebro menor, um aparelho fonador insuficiente, capacidade apenas de operar um vocabulário reduzido, capacidade de lançar mão de objetos como instrumentos, ferramentas rudimentares mediadoras entre intenção e ação eficaz. O fato da linguagem eleita pelos Gardner ter sido a de sinais com as mãos, visando explorar a habilidade manual dos chimpanzés, sublinha, no antropomorfismo evidente, a semelhança morfológica que mais os aproxima dos humanos: a possibilidade do bipedismo, a presença do polegar oponente, do gesto manipulativo fino, enfim, os «requisitos anatômicos» para a invenção da tecnologia.

---

18. O apelo à figura dos cefalopodos na discussão sobre **inteligência extraterrestre** é recorrente: a estrutura do órgão da visão dos polvos constitui o exemplo mais contundente de convergência evolutiva, pela sua espantosa semelhança com a dos olhos dos mamíferos. Como já anotamos acima, Bateson estudou o comportamento de polvos antes de interessar-se por golfinhos. Vale lembrar que Júlio Verne fez de um polvo gigante o seu leviatã em *As vinte mil léguas submarinas* de 1870. MELVILLE (1982) também faz um calamar gigante vir à tona diante dos botes baleeiros como sinal de mal presságio (§59, p. 305).

Golfinhos e baleias aproximam-se do homem por outros motivos. O lugar peculiar e destacado reservado aos grandes macacos na tradição ocidental já vem sendo trabalhado há vários séculos, e definiu-se especialmente com o sucesso do darwinismo<sup>19</sup>. O trabalho dos Gardner, citado acima, apenas reflete o grande interesse que a linguagem adquiriu em várias áreas científicas na segunda metade do nosso século. A aproximação de baleias e golfinhos com a humanidade, ao contrário, é um fato recente, fruto em boa parte da elaboração moderna das questões da inteligência e da comunicação. As suas posições não estão nem tão difundidas, nem tão definidas quanto a dos símios.

Mais inacessíveis que os símios (o tamanho, o meio aquoso), não possuem anatomia antropóide, nada de membros ou apêndices manipulativos. «Não possuem órgãos para manipular, não fazem construções de engenharia, mas são criaturas sociais» (SAGAN:1983b:271). É a falta de um análogo da mão primata que faz dos cetáceos animais anatomicamente inaptos à tecnologia. «Because whales and dolphins have no hands, tentacles, or other manipulative organs, their intelligence cannot be worked out in technology» (SAGAN:1973:177). Seus cérebros, no entanto, são maiores e talvez mais complexos que o humano.

«The brain size of whales is much larger than that of humans. Their cerebral cortexes are as convoluted. They are at least as social as humans. Anthropologists believe that the development of human intelligence has been critically dependent upon these three factors: brain volume, brain convolutions, and social interactions among individuals. Here we find a class of animals where the three conditions leading to human intelligence may be exceeded, and in some cases greatly exceeded» (SAGAN:1973:177)

---

19. Sobre a história da mitologia do «homem selvagem», e sua relação com a descoberta do orangotando e outros macacos, ver TINLAND (1968).



É este cérebro poderoso que SAGAN crê manifestar-se na complexa capacidade de produção de sonoridades. Embora muito estranhos às vocalizações humanas e indecifráveis, os cantos cetáceos parecem obedecer a regras que somente a suposição de uma linguagem poderia explicar. Espontâneos ao invés de induzidos em cativeiro, complexos e musicais, construídos em longos blocos e memorizados, repetidos idênticos e progressivamente alterados, entoados em coro simultaneamente pelo grupo e capazes de serem “ouvidos” a enormes distâncias. Todas estas peculiaridades levam Sagan a crer que os cantos das baleias funcionam como uma refinada linguagem tonal, meio de comunicação entre baleias individuais, através da qual elas podem “perceber-se” a distâncias que superam o seu olfato ou visão.

Os chimpanzés são uma espécie de sub-homem: portam todos os seus atributos, porém atrofiados, reduzidos a traços. O grau zero da hominização. As baleias são uma espécie no mesmo nível evolutivo da humana, tão inteligentes ou talvez mais, porém em outra via, seguindo um outro percurso da evolução biológica. Anatomias estranhas, mas inteligências comparáveis. No entanto, a falta de possibilidades tecnológicas as afastam decididamente do caminho humano. Esta carência faz a sua **inteligência** menos aparente à observação, e a sobrevivência da espécie mais vulnerável à invasão humana, dependentes de uma incerta tolerância ecológica do agressor para contornar a extinção. As baleias estão longe de se parecerem com homenzinhos verdes, mas dependem dos verdes entre os homens para sobreviver.

Pelo menos desde Darwin, é através da figura do símio que o imaginário ocidental reencontra o fio da continuidade histórica entre a origem do homem e de todas as demais espécies, sob o império contingente dos princípios da

evolução biológica. O chimpanzé, substituto ahistórico para a quimera do elo perdido, religa a espécie humana à cadeia dos seres vivos. Já a baleia se liga ao homem não tanto pela raiz biológica, mas pela capacidade cultural, e não evoca hierarquia evolutiva, mas equivalência funcional. Ela é, de certo modo, a demonstração terrestre de que as faculdades culturais — linguagem, música — não são exclusivas da linhagem humana, e de que muitos caminhos (biológicos) deve haver que levam à **inteligência**.

Infra-humanos e para-humanos. O chimpanzé possui a anatomia geral própria à invenção da tecnologia; a baleia, o cérebro, a **inteligência**. Mas não é a tecnologia o valor fundamental a definir a fronteira dos seres eticamente equivalentes, e sim a **inteligência**. As baleias são, deste ponto de vista, “mais humanas” que os chimpanzés. Merecem ser consideradas tão “sagradas” quanto qualquer ser humano, obrigando-nos a estender a elas a participação nos “direitos fundamentais do homem”. Antes de tudo, a proteção contra caça e violência. A despeito de não-tecnológicas, o fato de corporificarem uma outra solução biológica para uma espécie **inteligente**, com anatomia e comportamento diferentes, as faz a imagem terrestre mais próxima de uma **eti**.

**star trek** « Space, the final frontier. These are the voyages of the *Starship Enterprise*. Its five-year mission: to explore new worlds, to seek out new life and new civilizations, to boldly go where no man has gone before ». Com esta apresentação começavam todos os episódios da série de TV *Star Trek*, um clássico da ficção científica. Uma filmagem de 1986 feita para o cinema (*Star Trek IV*) revive muito do imaginário evocado pela equipe do disco da *Voyager* em torno

ao canto das baleias. Seria útil para a análise da saudação das baleias na *Voyager* compará-la com essa variante do âmbito da ficção científica.

A fita inicia no século XXIII, com a detecção de uma sonda alienígena, de natureza desconhecida, que penetra o espaço da «Federação dos Planetas Unidos», e ruma para a Terra. Invulnerável às defesas da federação e deixando um rastro de destruição, a inabalável espaçonave estaciona em órbita terrestre, causando alterações catastróficas no clima (similares ao “inverno nuclear”) e enviando um estranho sinal auditivo aos oceanos. Spock, o alienígena vulcaniano “hiper-lógico”, consulta arquivos e reconhece o padrão sonoro como o mesmo emitido por uma espécie de baleias extinta no século XXI. «The probes transmissions are the songs sung by whales. Specifically the humpback whales». Os sons utilizados na produção do filme foram fornecidos pelo mesmo Roger Payne procurado pela equipe da *Voyager*. Spock sugere que uma civilização **et** estabeleceu contato com baleias terrestres no longínquo passado, antes da presença humana na Terra, e que retornara agora após sua extinção «to determine why they lost contact». Incapazes de entender a mensagem da sonda, não havia como responder, estabelecer comunicação com a **eti**, e fazê-la ver os prejuízos que causava à civilização humana. Num *tour de force* que só a ficção permite (ainda), empreendem uma viagem no tempo destinada ao século XX. Objetivo: capturar espécimes da baleia corcunda e conduzi-los ao futuro. Somente uma baleia poderia responder ao enigmático chamado extraterrestre, estabelecer contato. Findam recolhendo um casal que vivia em cativeiro e levando-o «to repopulate the species».

Vários dos temas caros à *Voyager* são aqui trabalhados. A **civilização extraterrestre**, tecnologicamente mais avançada, interessada em contato com outras **inteligências**; a suposição de que as baleias são **seres inteligentes**, e que os sons que

emitem representam uma linguagem articulada utilizada para comunicação; a preocupação com o potencial destrutivo da civilização humana, a extinção desavisada das espécies evocando o risco de sua própria extinção. As aparições da espaçonave *Enterprise* nos céus de São Francisco do século XX são tomadas por passantes como testemunho de um UFO « from outer space ». Mas o realmente interessante para nós é o tratamento da questão da linguagem das baleias.

Ainda no século XXIII ela permanece indecifrável, irreduzível a toda engenharia de tradução disponível pela «federação». Foi, no entanto, entendida por uma **eti** extremamente avançada, que passou a utilizá-la para comunicar-se com os cetáceos/terráqueos. Kirk, capitão da *Enterprise*, chega a sondar Spock quanto à possibilidade de simular uma resposta ao chamado **eti**, sintetizando artificialmente os cantos da baleia. Spock é definitivo: « The sounds... but not the language. We will be responding in gibberish ». *Gibberish*: troça, escárnio, tagalera de modo inarticulado ou incoerente<sup>20</sup>. Como papagaios zombam da fala humana. Não há como conversar numa língua da qual só se conhece a fonética, mas não a fonologia. Conhece-se o suporte material da linguagem, os átomos físicos empregados, mas se ignora o sistema que os determina, as regras estruturais que produzem, como um acréscimo da totalização que não está contido em nenhuma das partes isoladamente, o efeito do sentido.

Mas Spock, o **extraterrestre** que convive com humanos, possui um outro recurso de comunicação, já familiar aos seus fãs. Aplicando sua mão ao crânio de

---

20. Cf Webster de HOUAISS. Talvez pudéssemos traduzi-lo por *barbarismo*, seguindo ironicamente a etimologia lembrada por LÉVI-STRAUSS (1976e:333): «[...] é provável que a palavra bárbaro se refira etimologicamente à confusão e à inarticulação do canto dos pássaros, opostas ao valor significante da linguagem humana». Mais adiante, na discussão a respeito da música, veremos que o próprio Lévi-Strauss não considera o canto dos pássaros assim tão inarticulado.

outras criaturas, é capaz de formar um laço telepático — « mind-melt », como o chamam os vulcanianos. Na São Francisco dos anos 80, mergulha num aquário onde duas baleias vivem em cativeiro. Estabelece contato com a fêmea, descobrindo-a grávida, e informa-a dos seus propósitos: seqüestrá-la rumo ao futuro. No século do grande massacre da espécie, promete-lhes a barca de Noé. Travada através de um meio não-lingüístico, que dispensa a cifra e a tradução, o curto-circuito telepático não encontra a intransponibilidade da barreira fala humana/canto cetáceo. É a mente de um **ser inteligente** diretamente conectada à de outro. A lei fundamental do intercâmbio simbólico, a sujeição aos significantes como mediadores (eternamente inadequados) da relação, não tem aqui qualquer jurisdição. Não há equívocos, reduções, tradução. O trágico da incomunicabilidade inter-cultural (inter-espécies!) é provisoriamente suspenso. Ao fim, as baleias já no século XXIII, servem de intérpretes ao pedido de Spock para que a sonda alienígena se afaste da Terra. Se não podemos imitar o canto das baleias para sossegar um estranho que só fala sua língua, é preciso seduzir uma baleia para que cante por nós.

Há nesta trama quatro personagens, quatro diferentes **seres inteligentes**. Dois **extraterrestres**, dois nativos da Terra (« Humpbacks were indigenous to Earth », diz Spock). A sonda alienígena que se dirige intransigente às baleias em sua língua, e não se conforma com a falta de resposta. As baleias, extintas pelos humanos, mas que ainda vivem na lembrança de ambos alienígenas, e naturalmente no passado. O capitão Kirk, que não consegue entender nem a sonda alienígena nem as baleias, mas que entende-se muito bem com o vulcaniano. Por fim, o doutor Spock, curinga da partida, que tampouco é capaz de comunicar-se com a sonda ou entender o canto das baleias, mas que fala a linguagem humana e possui um recurso

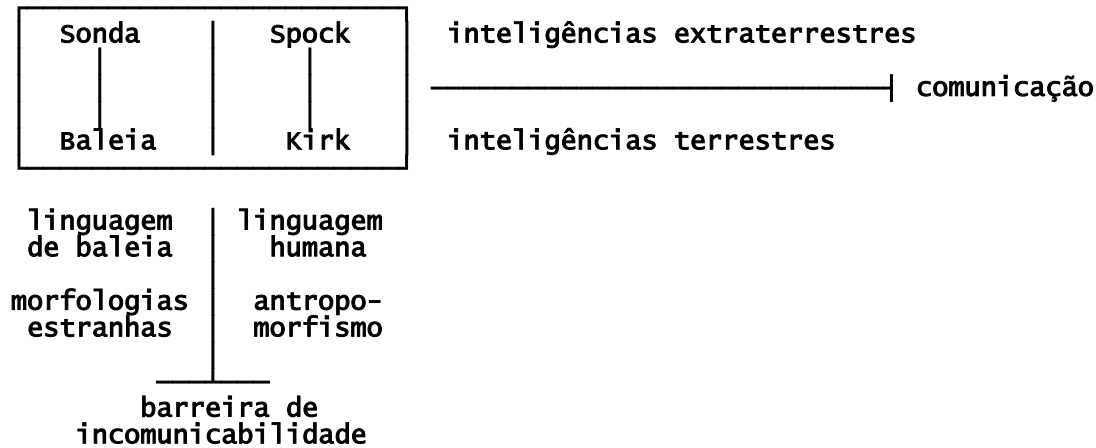
único, capaz de driblar o impasse formado pela rede de incomunicabilidades que estrutura a novela.

Inicialmente, os quatro personagens mantinham relações comunicativas dois a dois: as baleias e a civilização que enviou a sonda por um lado, em linguagem de baleia; os humanos e os vulcanianos por outro, na língua oficial da federação, a humana (por sinal, o inglês). A história é um encontro dos quatro **seres inteligentes**, motivado pela súbita ruptura da relação de reciprocidade entre duas das espécies ligadas. Em um primeiro momento, forma-se o impasse. A sonda dirige-se aos **seres inteligentes terrestres** de que tinha conhecimento, buscando reatar contato. Mas a **civilização terrestre** de então era humana, e o homem ocupava, por usurpação, o lugar lógico das baleias. Os humanos nunca haviam conseguido compreender o que as baleias diziam, sequer reconhecer que eram, elas também, **inteligentes**. Em lugar de travar comunicação e estabelecer relações de respeito igualitário, os homens as haviam dizimado, numa guerra verdadeiramente canibal para devorar seus corpos animais. Mas os inesperados aliados das baleias vieram tomar satisfações. Incapazes de uma performance similar à das suas vítimas, os humanos não conseguem corresponder à demanda da sonda, responder aos seus enigmáticos sinais. Por outro lado, a sonda ignorava os apelos lançados por rádio em linguagem e tecnologia humanas. Ironicamente, as posições invertem-se, e o destino trágico das baleias recai agora sobre os humanos: a sonda não reconhecia os sinais enviados pela **civilização terrestre** como mensagens **inteligentes**, e, ecologicamente desastrada, provocava a sua destruição.

Em um segundo momento, o **extraterrestre** Spock entra como mediador, e se torna efetivamente a figura central da trama. Spock é um mestiço interplanetário: seu pai é o embaixador vulcaniano na Federação, sua mãe, uma humana terrestre. Os

vulcanianos são uma espécie inteligente perfeitamente antropomórfica, à exceção de duas pequenas alterações: orelhas e sobrancelhas “pontudas”. (Ao retornar ao século XX, para poder passar por humano comum e caminhar nas ruas, prende uma tiara à cabeça, ocultando suas extremidades aberrantes). A civilização do planeta Vulcan é constituída por seres que cultuam a lógica e o conhecimento, praticam misteriosos rituais místicos, e ignoram as emoções. Spock é o oficial de ciências da tripulação da *Enterprise*, e sempre acompanha o capitão Kirk, fornecendo-lhe informações técnicas e traçando-lhe o panorama do cientificamente possível.

É Spock quem sugere e formula os cálculos da trajetória rasante ao sol que permite a viagem no tempo. Com este meio de transgredir a inexorabilidade da história, e fazer do feito o desfeito, restituirá às baleias o seu devido lugar no circuito de relações inter-espécies, saldando a dívida inaugurada pelos humanos e sua cega (e surda) matança “etnocida”. Baleias e sonda voltam a conversar. Mas a barreira lingüística permanece entre os dois pares de **terrestres/extraterrestres**. Através de um recurso de ordem extra-simbólica, e mesmo mágico, o alienígena antropomórfico consegue travar relações com o estranho terrestre, construindo uma ponte entre os dois seres incomunicáveis e dissolvendo o desentendimento. A estrutura da aventura, das relações entre os personagens, poderia ser sintetizada neste quadro:



No fim, o contato entre os humanos e a **eti** estranha e avançada que a hostilizava se dá através de duas mediações: a de uma **eti** antropomórfica, e a de uma **inteligência** terrestre não-tecnológica. Forma-se uma cadeia que leva do homem à **eti** através de duas figuras ambíguas (pseudo-extraterrestres, uma que fala a língua humana, outra, a da **eti**), que se encontram e se fundem através do recurso mágico da telepatia, da comunhão mística de consciências, da abdicação da linguagem. Cria-se então um paradoxo. Dispensar a linguagem é também recusar o atributo fundamental da **inteligência**, retornar à imanência do estado de natureza, mergulhar na confusão da ausência de identidade. E usar a magia e o poder místico é abandonar a tecnologia, o domínio objetivo dos meios materiais, sinal exterior mais evidente da **inteligência**. O único laço possível entre os humanos e a **eti** estranha exige, no seu momento chave, a passagem por um campo que transcende o das manifestações da própria inteligência — a linguagem, a tecnologia. Há necessidade



de uma ligação não-mediada, uma coincidência de consciências, uma fusão de identidades<sup>21</sup>.

Resumindo. Os quatro personagens tematizam a questão da comunicabilidade entre espécies estranhas. Numa álgebra estrutural, exercitam as várias possibilidades, desde a incomunicabilidade “inofensiva” (sonda/vulcaniano) e a incomunicabilidade absoluta que prejudica uma das partes (baleia/homem; homem/sonda), até a comunicação eficaz por linguagem articulada (homem/vulcaniano; baleia/sonda). O contato telepático de Spock com as baleias é um caso limite: comunicação apesar de incompreensão da linguagem. Por um lado, sublinha os limites da linguagem como meio de comunicação intercivilizatório, e os temores com a intraduzibilidade dos códigos de seres inteiramente estranhos, apesar de **inteligentes**. Por outro, demonstra uma expectativa de que talvez haja outros meios de se comunicar que prescindam da linguagem simbólica. Veremos mais adiante que é algo desta ordem de questões — comunicação natural e não-simbólica, mensagem imediata e não-traduzível — que inspira os autores da mensagem a incluir músicas e determinados sons no disco.

---

21. Esta condição limite para a comunicação entre civilizações planetárias é tema recorrente na ficção científica. Uma recente incursão neste domínio é o conto de TAVARES (1989, «Stuntmind») concebe voluntários que se expõe ao **extraterrestre** e retornam despersonalizados, porém cheios de informações científicas que não compreendem.